

ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DO CULTIVO NATURAL DE MASANOBU FUKUOKA E DA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA À EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Diego Sabbado Menezes

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) – FURG
diego8sm@gmail.com

RESUMO

A construção da educação ambiental tem possibilitado um amplo debate sobre os rumos da sociedade, tendo em vista as atuais conseqüências (sociais, políticas, ambientais de maneira geral) que resultaram de antigos paradigmas. A pesquisa a que nos propomos, fruto de um olhar otimista e de um caminhar longo, identifica nas relações autoritárias (e suas várias caras e instâncias), o princípio fundamental dos modelos educacionais (científicos, sociais) que reproduzem a desigualdade e exploração. Assim a prática da autonomia e autogestão dos saberes, das individualidades e coletividades e das múltiplas relações estabelecidas, se coloca como alternativa de transformação radical de nossa realidade. Nesse contexto de diálogo e ação, apresentamos de maneira introdutória e também como incentivo à multiplicação de vivências e trocas de experiências, algumas contribuições do pensamento de Masanobu Fukuoka, bem como da educação libertária à construção da educação ambiental.

Palavras chave: Educação Ambiental, Educação Libertária, Masanobu Fukuoka.

ABSTRACT

The construction of environmental education has enabled a broad debate about the future of society, in view of the current consequences (social, political, environmental in general) that resulted from old paradigms. The action-research that we propose, resulted of an optimistic view and a long walk, identifies in the authoritarian relations (and it's various faces and bodies), the fundamental principle of educational models (scientific, social) that reproduce inequality and exploitation. Thus the practice of autonomy and self-management of knowledge, of individuality and collectivity, and the many relationships established, stands as an alternative to radical transformation of our reality. In this context of dialogue and action, so we present an introduction and also encourage the multiplication of experiences and exchanges of experiences, some contributions from the thought of Masanobu Fukuoka, and from the libertarian education for the construction of environmental education.

Key Words: Environmental Education, Libertarian Education, Masanobu Fukuoka.

INTRODUÇÃO

Este texto é elaborado com a proposta de apresentar e acrescentar ao debate sobre nosso contexto social, bem como sobre a educação ambiental, algumas questões e contribuições que surgem de nossa pesquisa com as experiências de Masanobu Fukuoka e de seu (não)método

de cultivo, e com as idéias e práticas libertárias de ação e educação. O humilde cultivador, como considerava a si mesmo, Masanobu Fukuoka (1913-2008), viveu intensamente suas idéias. Registrou algumas de suas vivências em seus livros e chamo atenção para *A revolução de uma palha*. Muito mais que uma síntese de suas experiências e métodos (ou não-métodos), transmite sua filosofia, sua visão à respeito da natureza e da humanidade. Nos poucos hectares em que dedicou sua vida, desenvolveu seu método do não-fazer, que se apresenta como alternativa à agricultura moderna (científica), ou ao atualmente chamado “agronegócio”:

A maneira usual de ir desenvolvendo um método é perguntar-se: 'Que tal se fizesse isso?' ou 'Que tal se provasse aquilo?' introduzindo uma variedade de técnicas uma sobre a outra. Isto é a agricultura moderna e com ela se consegue ocupar mais o agricultor. Meu método se desenvolveu em direção oposta. Eu estava apontando para um método de fazer a agricultura agradável, natural, que conduzisse à fazer o trabalho mais fácil em vez de mais pesado.

Que tal se não se faz isso? Que tal se não se faz aquilo? - esta era minha maneira de pensar - . Finalmente cheguei à conclusão de que não havia necessidade de arar, nem de aplicar abono, nem de fazer composto, nem de utilizar pesticidas. Quando se aprofunda nisso, poucas práticas agrícolas são realmente necessárias.

A razão pela qual as técnicas melhoradas pelo homem parecem necessárias, é que o equilíbrio natural foi alterado tão gravemente de antemão por estas mesmas técnicas, que a terra se fez dependente delas.

Esta linha de pensamento não somente se aplica à agricultura, como também a outros aspectos da sociedade humana. Os médicos e as medicina se tornam necessárias quando as pessoas criam um ambiente enfermo. A escolarização formal não tem valor intrínseco, mas se torna necessária quando a humanidade cria as condições nas quais 'deve-se ter educação' para seguir adiante.¹

O objetivo de Fukuoka era o método mais simples e conseqüentemente mais natural de cultivo e de vida. Uma vez que percebeu que estávamos cada vez mais complicando e distanciando-nos da natureza através da ciência e suas práticas (métodos e aplicações), buscou um retorno à fonte. Este retorno se dá ao observarmos a natureza e percebermos de que forma ela procede, para então seguirmos seu exemplo. Os fertilizantes que observamos através da natureza são as folhas das árvores, a palha, os dejetos de animais, tudo isso fazendo parte de um ciclo que envolve milhões de animais, bactérias, fungos e microorganismos. Ao separarmos cada coisa do todo e analisarmos isoladamente, somos incapazes de perceber a importância da relação entre cada parte para a continuidade do ciclo. Por isso *a revolução de uma palha*. A palha é o começo e o fim de um ciclo, é parte fundamental de um cultivo natural. Se tiramos algo da terra e não devolvermos nada, então com o tempo ela se esgotará.

Seria muito difícil pensar em autonomia sem levarmos em conta a comida, a alimentação. O cultivo natural, muito mais que uma alternativa radical de segurança alimentar, é um passo fundamental na busca da autonomia individual e coletiva. Como podemos nos organizar horizontalmente enquanto formos dependentes? Como podemos nos gerir enquanto formos dependentes? Estas são perguntas que só nossa prática e nossas experiências podem nos ajudar a amadurecer.

A educação, seja pelo autodidatismo, seja pela atitude e pelo exemplo (educação informal), ou pela educação formal (que não deixa de ser pelo exemplo), é o que, grosso modo, passa

¹ FUKUOKA, Masanobu. *A Revolução de uma palha*. Tradução: Diego Sabbado Menezes. Versão Inglesa. Original em Japonês. Trabalho não publicado.

adiante uma forma de viver, agir e pensar. A escola, enquanto instituição educacional, é um local de exercício de poder, nesse sentido, em todos os seus âmbitos, relações autoritárias (ou não) se estabelecem. A sala de aula é somente mais um dos locais de exercício de poder, dessa teia que se espalha pela escola, pela sociedade e pelo mundo. Assim, tod@ aquel@ que entra numa sala de aula enquanto “professor@”, ou mesmo exerce uma atividade educativa fora dela, está exercendo determinada força, que podemos chamar de poder (que não é sinônimo de autoritarismo). Porém, o que vemos é autoritarismo e poder serem tidos como sinônimos, e nesse sentido, há uma reprodução de relações verticais, de mando e obediência. O estabelecimento deste tipo de relação já é um obstáculo a qualquer proposta autônoma e autogestiva de educação ou de sociedade. Então, de que forma podemos subverter esse círculo de autoritarismos que se estabelecem nas relações, na medida que buscamos uma educação autônoma? A partir destas questões apresento um pouco da *pedagogia (ou educação) libertária*, idéia desenvolvida por indivíduos preocupad@s com a utilização da escola e da educação como instrumento de reprodução de interesses do Estado e do Capitalismo, bem como de sua possível relação com as idéias e práticas de Masanobu Fukuoka.

A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA E ASPECTOS TEÓRICO-PRÁTICOS DO CULTIVO NATURAL

A preocupação em possibilitar a liberdade à mulheres e homens, capazes de revolucionar a sociedade, é constante na obra d@s maiores pensador@s libertári@s e anarquistas. Há, na tradição libertária, uma vinculação explícita entre educação e luta política. A educação é um objetivo em si para combater o autoritarismo e a miséria, e, simultaneamente, instrumento de atuação política e social contra os privilégios, as injustiças e todas as formas de opressão e exploração.

A educação é concebida como parte do processo revolucionário, isto é, @s anarquistas não imaginam que apenas através do ato educativo a revolução tornar-se-á realidade, mas vêem a educação como fundamental. Trata-se, na concepção libertária, de romper o círculo vicioso entre a miséria, o autoritarismo e o preconceito, e, de se pensar mulheres e homens autônom@s, crític@s, solidári@s e amantes da liberdade. @s libertári@s questionam todas as relações de opressão, expressão das relações de dominação que envolve todas as esferas sociais: no interior do próprio indivíduo, família, escola, trabalho, religião etc.

O pensamento pedagógico libertário é crítico às relações de poder presentes no processo educativo e às estruturas que proporcionam as condições para que estas relações se reproduzam. Um dos seus princípios centrais é a rejeição de toda e qualquer forma de autoritarismo.

Creio que a equação “saber é poder” está presente na nossa sociedade, de forma que uma das bases para se exercer não só poder político como também poder econômico passa pela educação. Porém proponho uma forma de transformação e ruptura com tal equação e forma de organização social-política-econômica, que começa com o que se conhece por educação libertária, nas palavras de Silvio Gallo: “um dos mecanismos de luta para superar as condições de exploração que sustentam essa sociedade, sendo uma delas o próprio saber” (Gallo, 1995).

A prática de uma educação contra-ideológica, ou seja, capaz de subverter a ideologia política dominante em nossa sociedade e em nossas escolas, pode ser a base da construção da autonomia, seja no âmbito macropolítico (relação escola/estado/sociedade) ou no âmbito micropolítico (relações intersubjetivas). De qualquer maneira, o questionamento do autoritarismo constitui o âmago da *Pedagogia Libertária*. Isto significa recusar quaisquer procedimentos que induzam à obediência às autoridades e expresse relações opressivas. A educação libertária

pressupõe a busca da coerência entre o *falar* e o *fazer* (discurso e ação): os exemplos educam e *falam* mais do que as palavras.

A *Pedagogia Libertária* é profundamente engajada, no sentido da crítica às estruturas de dominação e da formação de mulheres e homens capazes de atuarem como críticos e sujeit@s ativ@s pela transformação das suas vidas e do meio social. Nesta perspectiva, não há lugar para a neutralidade da educação. Reivindica uma educação fundada em critérios solidários, de ajuda mútua, que recusa tanto os prêmios quanto os castigos e, portanto, os processos classificatórios (provas, notas etc.) e as relações de ensino e aprendizagem fundadas em critérios competitivos.

A pedagogia libertária critica os interesses aparentes e velados do Estado na educação, defendendo a idéia de que as comunidades podem e devem gerir seus próprios sistemas de ensino, de acordo com suas necessidades, tomando de volta para si uma responsabilidade política e social que historicamente foi jogada nas mãos do Estado, tendo este, sabido aproveitar-se muito bem dessa responsabilidade.

Como podemos pensar então em educação ou sociedade livres na medida em que nossas relações são autoritárias? Não seria então, a proposta de Fukuoka para o cultivo e para vida, uma radicalização da liberdade nas relações entre tod@s os seres?

Foi por levar com otimismo e esperança estas últimas perguntas que me dedico ao caminho da vida natural, através da busca da relação entre educação e autonomia individual e coletiva. A educação é algo tão abrangente, que se torna difícil defini-la em poucos termos. É certo que educação envolve um processo de aprendizagem, mas nem sempre de ensino. Mesmo que esta aprendizagem não passe do respeito às regras, normas e hierarquias; o que estaria tão próximo ao adestramento que não consigo diferenciá-los. Pensando tanto num sentido conservador, quanto reformista, a educação se sustenta sobre duas ditaduras: a do Estado e a da Ciência. Esse modelo de educação reforça desde os bebês, os valores éticos, sociais e políticos do Capitalismo, sob a supervisão e controle do Estado e sob os métodos e maniqueísmos da Ciência.

As creches, escolas e universidades (instituições formais de educação) são, neste meu ponto de vista, os locais onde se efetivam o ensino (ou adestramento) destes valores e padrões. E mais do que isso, é onde o exercício da autoridade é previamente estabelecido. A educação antes de ser importante é obrigatória. Mas é obrigatória no seu sentido formal, o Estado cuida para que tod@s sejamos obrigad@s a entrar nas fileiras das escolas, qualificando-as como modelo de desenvolvimento humano (físico, moral e intelectual).

Neste sentido a educação libertária se apresenta como um horizonte de resistência às ditaduras. Como uma tentativa de transformar a atual sobreposição em relação: à espécie (especismo), ao gênero (machismo) e à idade (adultocentrismo). Age nas relações entre seres de forma não hierárquica levando em consideração suas particularidades. As dificuldades que se colocam à experimentação dizem respeito aos próprios princípios da anarquia: autonomia e autogestão. Na medida em que autonomia e autogestão estão comprometidas, então as relações tendem a se estabelecer de maneira autoritária, abusiva de alguma das partes.

Quando os galhos crescem de acordo com sua forma natural, se estendem alternativamente ao redor do tronco e recebem uniformemente a luz solar. Se se rompe essa seqüência os galhos entram em conflito, se colocam uns por cima dos outros, se enredam, as folhas murcham nos lugares que o sol não pode penetrar. Isto dá origem aos danos dos insetos. Se a árvore não se poda no ano seguinte aparecem mais galhos secos.

Os seres humanos com seu intrometimento fazem algo equivocado, deixam o dano sem remediar, e quando se acumulam os resultados adversos trabalham com toda sua alma para corrigi-los.

Quando as ações corretivas parecem ter êxito, então consideram estas medidas como

Monografias Ambientais

(Revista Eletrônica do Curso de Especialização em Educação Ambiental da UFSM)

esplêndidos sucessos. As pessoas fazem isso uma e outra vez. É como se um louco pulasse sobre seu telhado para consertar o dano, alegrando-se no final por ter conseguido um remédio milagroso.

Passa o mesmo com o cientista. Lê livros dia e noite, forçando seus olhos e convertendo-se em míope, se perguntas em quê estava trabalhando todo o tempo, vê que era para converter-se no inventor das lentes corretoras da miopia.²

O sol não penetra na escola, talvez por isso chamem alguns freqüentadores de a-lunos, sem luz. A escola poda a criança, assim como a agricultura convencional faz com as árvores. Se queremos que as árvores tenham sua forma mais natural temos de diminuir nossa intervenção, mas isso não quer dizer abandono. Uma vez que a árvore já foi podada, resta-nos a sensibilidade de nos perguntarmos: a partir de agora, o que não fazer?

Autonomia e autogestão são outras árvores desse bosque da vida. Foram podadas, cortadas. O Estado reforça constantemente nossa dependência, em termos mentais, sociais e ambientais. Mentalmente dependentes não somos capazes de pensar algo fora da lógica capitalista. Reproduzimos a pretensiosa idéia de que a poda aumenta a produção. O interesse econômico prevalece com o uso da força, da violência e da coerção. E muito do adestramento. A escola se usa de tudo isso.

Nem tudo pode ser compreendido. Esta simples e humilde posição que podemos tomar tem radicais conseqüências. Uma vez que nossa compreensão, muitas vezes serve para se afastar e destruir a natureza, e isso significa a nós mesmos, então a compreensão não possui um valor intrínseco. Esta posição pode parecer arbitrária, mas é tão arbitrária quanto a posição de que tudo pode ser compreendido. Agir pela incompreensão é deixar que a natureza faça seu próprio caminho e é também fazer esse caminho, no qual caminhamos. Abandonar um pomar depois de anos de poda é como sair do caminho da natureza. Mas podar as árvores é não deixar a natureza fazer seu caminho. Agindo pela incompreensão não se tem uma solução, por isso é um caminho em que não se sabe o destino.

A ciência se estabeleceu como uma ditadura metodológica. Quer dizer, mesmo com todo o tão falado “avanço”, não foi possível acabar com a fome e a exploração, o que me leva a crer que a fome e a exploração não são uma questão de tecnologia. Se um cultivo natural, que não usa máquinas, não usa abonos químicos, não usa pesticidas, é capaz de produzir tanto ou mais que a agricultura convencional, então a ciência não repousa sobre a “verdade”. Assim a ditadura metodológica se impõe com o uso da força e coerção. Ciência, Estado e Capitalismo delimitam as fronteiras do possível, desmerecendo e sumindo com outros métodos (ou não-métodos), formas de organização social, política e econômica.

Nós colhemos cerca de 5.800 kg de arroz e 5.800 kg de cereal de inverno por hectare nestes campos. Se a colheita alcança os 7.800 kg/ha como ocorre algumas vezes, pode ser que não seja possível encontrar uma colheita melhor no país. Dado que a tecnologia avançada não teve nada a ver com o cultivo deste grão, isto se apresenta como uma contradição ante as presunções da ciência moderna.

Qualquer um@ que viesse e visse estes campos e aceitasse seu testemunho, sentiria profundas dúvidas sobre a pergunta de se os homens conhecem ou não a natureza, e de se a natureza pode ou não ser conhecida dentro dos confins do entendimento humano.³

² FUKUOKA, Masanobu. **A Revolução de uma palha**. Tradução: Diego Sabbado Menezes. Versão Inglesa. Original em Japonês. Trabalho não publicado.

³ FUKUOKA, Masanobu. **A Revolução de uma palha**. Tradução: Diego Sabbado Menezes. Versão Inglesa. Original em Japonês. Trabalho não publicado.

O maniqueísmo se manifesta na dicotomia *oprimid@/opressor@*. A idéia de que uma vez dadas as possibilidades às *oprimid@s*, estes se voltarão contra aqueles que o oprimiam, estabelecendo novamente uma relação de opressão, é um exemplo explicitamente corroborado pelo Capitalismo. Resumindo todas as relações a relações de opressão, naturaliza-se a idéia de que “*tod@s* querem o poder”, de que “*tod@s* querem ser opressores”. Assim é feito em relação à natureza, e mais especificamente também nas relações humanas. A naturalização da dominação é um preconceito amplamente difundido, explicitamente presente na escola. A escola, enquanto instituição restritamente humana, reproduz esta dicotomia nos saberes e poderes.

A educação tende a se limitar ainda mais como um microscópio cada vez mais potente. Mais fundo enxerga, buscando ver a menor de todas as coisas e menos ainda pode perceber o todo. A urbanização se coloca como destino certo, a cidade como única solução. Esta é a visão microscópica que somos forçad@s a ter. Então a ligação, muitas vezes invisível, entre todas as coisas, já não pode ser percebida e muito pouco lembrada.

Fukuoka regressou à fonte, experimentou o que seus antepassados próximos faziam, experimentou o que seus antepassados distantes faziam e experimentou o que seus antepassados mais longínquos faziam, mas caminhou seu próprio caminho. Não é um regresso à “idade da pedra”, isso seria muito pouco e um tanto absurdo. O mundo que vemos é o mundo que construímos e o mundo que queremos ver é o mundo que construiremos. Apesar de tudo, ainda somos parte da natureza, alguns tentam se afastar dela, mas ela não se afasta da gente, nós também somos a natureza.

*“Velha convicção ocidental [...] de que as sociedades sem poder são a imagem daquilo que não somos mais e de que a nossa cultura é para eles a imagem do que é necessário ser.”*⁴ Ao determinar o que é possível, muita coisa que se viveu e se vive foi excluído. O testemunho de Fukuoka é uma prova disso. Somos *levad@s* pela visão microscópica a não ver o que há por trás das coisas. Um pesticida (que é usado em muito do que se come) não é só um pesticida, são milhares de animais mortos, milhares de trabalhadoras e trabalhadores exploradas, submetidas ao contato com substâncias tóxicas; recursos naturais sugados, dejetos tóxicos descendo pelo rio que abastece nossos copos. Essa é a água que compões nosso corpo. Então, é melhor tudo isso acontecer, todo esse esforço ser feito para produzirmos máquinas, fertilizantes e pesticidas só para mantermos um modelo de agricultura, de trabalho, de propriedade e de sociedade que estamos convictos de que é péssimo?

Eu creio que uma das razões é que o mundo se tem especializado tanto que se tornou impossível para as pessoas compreender nada em sua totalidade. Por exemplo, um especialista em prevenção de danos por insetos do Centro de Ensaio da prefeitura de Kochi veio a questionar por que haviam tão poucas cigarras do arroz em meus campos apesar de não ter usado inseticidas.

Depois de investigar o habitat, o equilíbrio entre os insetos e seus inimigos naturais, a velocidade de propagação das aranhas, etc, se encontrou que as cigarras eram tão escassas em meus campos como nos do Centro, que haviam sido tratados inúmeras vezes com uma grande variedade de produtos químicos mortíferos.

Também se surpreendeu o professor de encontrar que enquanto eram escassos os insetos daninhos, seus predadores eram mais numerosos em meus campos do que nos campos tratados com pesticidas. Então sua mente se iluminou e viu que os campos se mantiveram neste estado por meio de um equilíbrio natural estabelecido entre as várias comunidades de insetos.

Ele reconheceu que se meu método se adotasse globalmente, poderia resolver-se o problema de devastação das colheitas por causa das cigarras. Em seguida entrou em seu carro e voltou a Kochi.⁵

⁴ CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado – Pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 34.

⁵ FUKUOKA, Masanobu. **A Revolução de uma palha**. Tradução: Diego Sabbado Menezes. Versão Inglesa. Original em Japonês.

(IN)CONCLUSÕES

É difícil ver a ligação entre as coisas para além das próprias coisas. Uma forma de cultivar e viver autônoma e livremente só pode ser transmitida autônoma e livremente, se não, temos uma contradição nos termos. Da mesma forma, só podemos transmitir aquilo que de fato buscamos viver, se não, fazemos demagogia e não pedagogia.

Os princípios orientadores da educação libertária, principalmente autonomia, liberdade e autogestão, foram tão apropriados pelo Capitalismo e sua “liberdade” de consumo, que estão vazios de sentido, uma vez que os exemplos práticos e cotidianos são cada vez mais escassos. Resgatar o testemunho de Fukuoka e experimentar na prática seu (não)-método é tão radical, que só uma educação realmente radical pode dar conta da construção dessa forma de viver. Parece tão evidente a relação entre educação libertária e cultivo natural que seria incoerente, da minha parte, pensar um sem o outro. Tanto as experiências de cultivo natural quanto as de educação libertária nos permitem pensar e agir no encontro destas duas perspectivas como alternativa prática viável no sentido de radicalizar o modelo de vida que nos é tentado impor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado – Pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Volume 5**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.
- FUKUOKA, Masanobu. **A Revolução de uma palha**. Tradução: Diego Sabbado Menezes. Versão Inglesa. Original em Japonês. Trabalho não publicado.
- _____. **La senda natural del cultivo: teoria e practica de uma filosofia verde**. Valencia: Terapión, 1991.
- _____. **The one-straw revolution**. Disponível em: <<http://zinelibrary.info/masanobu-fukuoka-one-straw-revolution-0>>. Acesso em: 24/03/2011.
- GALLO, Silvio. **Educação anarquista: um paradigma para hoje**. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.
- _____. **Pedagogia do risco: experiência anarquista em educação**. Campinas: Papires, 1995.
- GUATTARI, Felix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- JOMINI, Regina C. M. **Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha**. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- MORIYÓN, Félix (org.). **Educação libertária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- PETERSEN, Paulo (org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.